



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

MAPEAMENTO DO COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO BAIANO

Vivian Alves Costa¹; Joselisa Maria Chaves²

1. Vivian Alves Costa, PVIC/UEFS, AGRONOMIA, e-mail: viacvivian@gmail.com

2. Joselisa Maria Chaves, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS, e-mail: joselisa@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Economia; Organização Comunitária; Agropecuária.

INTRODUÇÃO

O cooperativismo tem se consolidado enquanto uma alternativa para organização da comercialização de insumos agropecuários, em especial, de produtores que, em conjunto, logram maior êxito no escoamento. No Brasil, as cooperativas surgiram no estado de Minas Gerais, em 1889, com a Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, onde o foco era trabalhar com produtos agrícolas, mas as chamadas cooperativas agrícolas só surgiram 17 anos depois, com forte participação de imigrantes originários da Alemanha e da Itália que, junto a produtores rurais brasileiros, passaram a iniciar a organização de cooperativas (OCB, 2019).

Há a necessidade da popularização de tal forma de organização, pois, entre os pequenos produtores, ainda é comum encontrar entraves justamente nas etapas que sucedem a colheita, segundo Macedo Neto (2023), os maiores gargalos são encontrados na logística de escoamento da produção e comercialização. Por meio do cooperativismo, é possível gerar renda estimulando gestão democrática, autonomia, educação e intercooperação, por exemplo, já que os princípios cooperativistas reforçam a ideia de que o crescimento e o sucesso devem ser compartilhados por todos, criando um ambiente mais justo e equitativo.

O cooperativismo segue princípios que, além de fundamental para economia, também torna o movimento dotado de intenções alinhadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como Büttgenbender *et. al* (2022) destacam, o cooperativismo apresenta relevância no âmbito social e ambiental da sociedade, especialmente ao atuar como uma ferramenta econômica que atua como promotora da redução de desigualdades e da sustentabilidade. Portanto, além do supracitado, o cooperativismo é capaz de incentivar o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões.

Nesse sentido, compreender o cenário do cooperativismo agropecuário é fundamental para identificar espaços cuja organização em volta do cooperativismo pode ser benéfica para o desenvolvimento local, até mesmo para entender onde e como fomentar o movimento – para além do crescimento econômico – orientando a organização das produções em torno na construção de uma sociedade mais justa, sustentável e

solidária e o objetivo deste trabalho é justamente mapear as cooperativas baianas para analisar suas produções do ponto de vista agrônomo e geográfico.

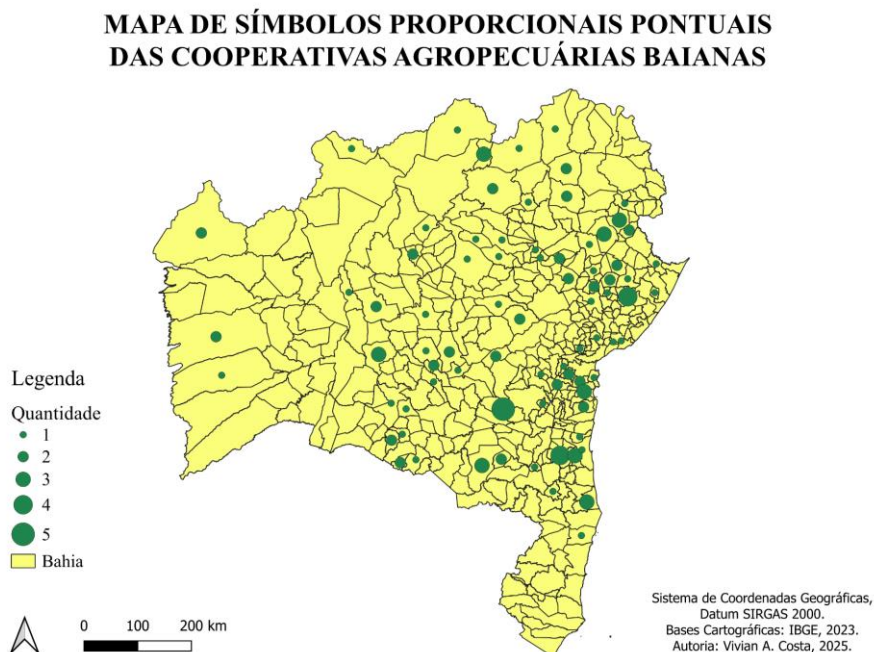
METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão bibliométrica com dados da Scopus, registros históricos e materiais do Governo do Estado, a fim de reunir informações sobre o movimento cooperativo agropecuário na Bahia e identificar os locais de atuação das cooperativas. A partir dos endereços obtidos, levantaram-se as coordenadas geográficas no Google Earth Pro, posteriormente exportadas para o QGIS, onde foram representadas em mapas com shapefiles do IBGE. Os dados — como endereços e matérias-primas trabalhadas — foram organizados no Google Sheets e analisados também no R Studio, permitindo relacionar a distribuição espacial das cooperativas com suas principais atividades. Por fim, as informações foram quantificadas, espacializadas e transformadas em representações gráficas apresentadas no Seminário de Iniciação Científica (SEMIC).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A distribuição das cooperativas no estado da Bahia, conforme ilustrado no mapa (Figura 1), revela padrões espaciais distintos que demandam uma análise detalhada da distribuição, densidade e proximidade dessas cooperativas como ponto fundamental para compreender os fatores subjacentes a essa configuração e suas implicações para o desenvolvimento regional.

Figura 1 – Mapa das cooperativas agropecuárias baianas



Fonte: Autora (2025).

É possível destacar uma forte aglomeração de cooperativas nas porções leste e norte do estado, particularmente na zona costeira e no Recôncavo Baiano. Essa região, historicamente mais desenvolvida e com maior densidade populacional, parece oferecer um ambiente mais propício para a formação e o crescimento de cooperativas. A presença de infraestrutura mais robusta, maior facilidade de acesso a mercados e uma base de

recursos diversificada são fatores que certamente contribuem para essa concentração. Em contrapartida, a região oeste da Bahia demonstra uma presença muito menor de cooperativas. O vasto território do oeste baiano, conhecido pela agricultura em larga escala, evidencia o cooperativismo enquanto uma marca mais característica de empreendimentos familiares de pequeno porte.

Como resultado da análise espacial, pode-se concluir que a distribuição das cooperativas na Bahia não é aleatória, mas sim o produto de uma combinação de fatores geográficos, econômicos e sociais. A análise de vizinhança, que examina como a presença de cooperativas em um município influencia os municípios vizinhos, poderia revelar padrões de difusão ou aglomeração. A conclusão principal é que a concentração no leste e a dispersão no oeste e norte refletem as disparidades regionais existentes no estado, que ainda possui potencial para crescimento no cooperativismo, como apontam Silva e Nunes (2023), sobretudo com os produtos que a Bahia é capaz de produzir, como mostra a figura 2.

Figura 2 – Nuvem de palavras das principais cadeias produtivas



Fonte: Autora (2025).

A nuvem de palavras evidencia a centralidade de cadeias produtivas no contexto do cooperativismo agropecuário baiano, produtos esses que não apenas expressam a frequência observada no mapeamento, mas também refletem a vocação histórica e socioeconômica da agricultura familiar no estado. O leite, em especial, ocupa posição de destaque, sinalizando a forte presença de cooperativas no semiárido, que desempenham papel fundamental na agregação de valor, seja por meio da diversificação de derivados, seja pela inserção em redes de comercialização solidária e programas institucionais.

O cacau, por sua vez, remete à tradição da região cacaueira do sul da Bahia, onde as cooperativas vêm se consolidando na reestruturação da cadeia produtiva, agregando qualidade e identidade cultural por meio de chocolates finos, licores e turismo de base comunitária. Não à toa, a fruticultura surge como outro eixo estratégico, sobretudo no Vale do São Francisco e no Recôncavo, onde cooperativas têm se articulado para ampliar a agroindustrialização e diversificar as fontes de renda das famílias agricultoras.

A mandiocultura mantém relevância no Recôncavo e Litoral Norte, com produção de farinha, fécula, tapioca e derivados que preservam práticas alimentares tradicionais. Já a caprinocultura e a apicultura se consolidam como atividades típicas do semiárido, permitindo acesso a mercados, certificações e políticas públicas, além de fortalecer o manejo sustentável. Dessa forma, observa-se que as cadeias produtivas destacadas não apenas garantem renda e inclusão socioeconômica (Anjos, Rocha, Silva, 2022), mas também promovem inovação, preservação cultural e fortalecimento da agricultura familiar baiana; o quantitativo reconhecido ainda não expressa toda a aptidão do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a análise detalhada desse mapa aponta para a necessidade de políticas de desenvolvimento regional que promovam o cooperativismo em áreas menos assistidas. A ausência de cooperativas em vastas porções do território baiano pode perpetuar as desigualdades, limitando o acesso a mercados e o poder de negociação para produtores locais. Assim, uma conclusão fundamental é que a expansão do movimento cooperativista para essas regiões, por meio de programas de fomento e capacitação, poderia atuar como um vetor de desenvolvimento econômico e social sustentáveis, especialmente no que tange os ODS 2, 8 e 9, auxiliando na redução das disparidades regionais, promovendo uma distribuição mais equitativa dos benefícios do trabalho cooperado e tornando o setor agropecuário da Bahia mais forte.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Eliene Gomes dos; ROCHA, Ana Georgina Peixoto; SILVA, Daciane de Oliveira. O cooperativismo como estratégia de fortalecimento da agricultura familiar na Bahia: uma análise baseada no Censo Agropecuário 2017. DRd - Desenvolvimento Regional em debate, [S. l.], v. 12, n. ed.Esp.2 (Dossiê Cooperativismo), p. 8–31, 2022. DOI: 10.24302/drd.v12ied.esp.2(DossieCooperativismo).3724. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/3724>.

BÜTTENBENDER, P. L.; BERKMANN, B. A.; SPAREMBERGER, A. Cooperativismo e Crédito Rural da Agricultura Familiar como Fomento ao Desenvolvimento Sustentável: Estudo em uma Cooperativa de Interação Solidária. Informe GEPEC, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 330–347, 2022. DOI: 10.48075/igepec.v26i1.26936. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/26936>.

MACEDO NETO, F. B. de. Do campo à mesa: sistema de comercialização e logística para pequenos produtores rurais. Orientador: Efrain Pantaleón Matamoros. (2023). 125f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Inovação) - Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (OCB). (2019). História do Cooperativismo. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/historiado-cooperativismo>.

SILVA, R. M. A. da,; NUNES, E. M.. (2023). Agricultura familiar e cooperativismo no Brasil: uma caracterização a partir do Censo Agropecuário de 2017. Revista De Economia E Sociologia Rural, 61(2), e252661. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.252661>